



O ALUNO FOTÓGRAFO: A RECONSTRUÇÃO DE CONCEITOS SOBRE A CIDADE ATRAVÉS DOS DIFERENTES OLHARES

Ires de Oliveira Furtado

Resumo - As tecnologias para o registro fotográfico, tais como celulares com câmera integrada e câmeras digitais, estão cada vez mais presentes no cotidiano dos alunos em vários aspectos, e este fato pôde ser percebido através da realização de questionários em uma turma de segundo ano do Ensino Médio de uma escola estadual da cidade de Pelotas/RS. As respostas mostraram que todos os alunos da turma possuíam pelo menos um equipamento fotográfico em sua casa que poderiam utilizar na escola, deste modo, foi elaborado um projeto de pesquisa-ação em que os alunos utilizariam esses equipamentos para a produção de conhecimento na Geografia. O conteúdo curricular desenvolvido Urbanização, e, diante disso, foi solicitado, que os estudantes fotografassem um lugar da cidade de Pelotas e levassem essas fotografias à sala de aula, para que através delas os conceitos fossem construídos em conjunto. Este projeto possibilitou que os alunos levassem para as aulas de Geografia partes de seu cotidiano que lhe interessavam. O projeto permitiu também que se conhecesse um pouco sobre a realidade destes estudantes, pois muitos optaram por levar fotografias do bairro ou da rua onde moram, denunciando principalmente o que consideravam ser problemas urbanos.

Palavras-chave: Geografia, Fotografia, Inovação Pedagógica.

1 Introdução

As tecnologias de informação e comunicação estão cada vez mais presentes na sociedade globalizada em que vivemos, e conseqüentemente mais presente no cotidiano dos alunos, sejam através da *internet*, da televisão, jogos de *video game* entre outros. A escola, como um ambiente que pretende oportunizar condições para que os alunos compreendam e interajam com esse contexto, necessita preocupar-se com a educação para e com as tecnologias no processo de ensino-aprendizagem, pois, de acordo Lajolo (1996, p.5) “se existem na sociedade, precisam estar presentes na escola”.

No caso específico da Geografia, as diversas linguagens de que ela se vale estão presentes nos imagens, nos mapas, e nos textos e nas fotografias de paisagens veiculados principalmente nos livros didáticos. Estas leituras são de grande importância para o aluno ler e compreender a dinâmica do mundo, de acordo com o tempo e o espaço. O exercício constante da leitura e da escrita reflexiva sobre o que foi lido é mais

que uma atividade curricular, de acordo com Schäffer (2000), é um exercício para a cidadania, auxiliando na formação de opinião e do pensamento crítico necessário à participação na vida social e política.

É fundamental ultrapassar a mera descrição empírica para fazer relações em diferentes escalas (SCHÄFFER, 2000), ou seja, a leitura crítica de textos ou imagens permite transpor os assuntos contidos neles para outras situações. É de grande importância uma leitura que

incentiva os conceitos e as teorias desenvolvidos localmente a emigrarem para outros lugares cognitivos, de modo apoderem ser utilizados fora do seu contexto de origem. Este procedimento, que é reprimido por uma forma de conhecimento que concebe através da operacionalização e generaliza através da quantidade e da uniformização, será normal numa forma de conhecimento que concebe através da imaginação e generaliza através da qualidade e da exemplaridade (SOUSA SANTOS, 1997, p. 37)

No caso da paisagem da cidade onde vive, por exemplo, a análise crítica do lugar retratado irá permitir ao aluno fazer relações do assunto que foi visto com outros lugares diferentes, ampliando o conhecimento construído sobre o seu cotidiano e, posteriormente, transportá-lo para outras realidades.

As modificações constantes na sociedade atual exigem dos sujeitos “independência, criatividade e autocrítica na obtenção e na seleção de informações, assim como na construção do conhecimento” (ALMEIDA, 2000, p. 9). Por este motivo, é de grande importância que a escola atue como uma mediadora entre os alunos e as tecnologias de informação e comunicação, criando condições de reflexão sobre o seu cotidiano, auxiliando para que “percebam o entorno de forma mais crítica e menos ingênua” (PINTO, 2004, p. 2).

Porém, algumas escolas, seguindo o Paradigma Tradicional de ensino, baseado na transmissão de conhecimento, não despertam o interesse dos alunos, levando-os a desmotivação em relação às aulas e o desinteresse pela escola. A escola acaba, mesmo que não intencionalmente, competindo com o mundo fora dela, que é repleto de novas tecnologias e formas de obter informações. Para Alarcão (2010), a escola precisa ser “uma comunidade de aprendizagem [...] um local onde se produz conhecimento sobre educação” (p. 38).

Quando se fala em tecnologias e informação e comunicação, vêm à mente equipamentos de alto custo, mas existem sim aquelas de baixo custo e que podem ser facilmente obtidas e utilizadas em sala de aula, contribuindo para o processo de ensino-

aprendizagem. Uma dessas tecnologias que pode ser facilmente encontrada na realidade da escola e dos alunos é a fotografia, que está presente nos jornais, nas revistas, nos anúncios, na *internet* e também nos próprios álbuns pessoais dos alunos.

A análise e interpretação da fotografia exercita o olhar, tornando possível o estudo de diferentes temáticas que estão presentes no currículo escolar e, neste trabalho, permitiu a construção de vários conceitos do âmbito da Geografia. A fotografia que retrata um recorte da paisagem, por exemplo, pode representar diversos aspectos da dinâmica do espaço geográfico, e sendo investigada criticamente em sala de aula, sob diversos pontos de vista, contribui para a construção do conhecimento. Para Ruiz (2008):

a fotografia, além de ser o registro dos locais, fatos e pessoas que nos é importante, nos leva a lugares que ainda não visitamos, pode também ser considerada como uma fonte importante de dados, fatos e informações que se soubermos explorar corretamente a transforma em um poderoso recurso didático (Ruiz, 2008, p. 20).

Através do advento da fotografia digital e do barateamento do custo das câmeras e dos celulares com câmera integrada, o ato de fotografar tornou-se cada vez mais comum entre pessoas de diferentes idades. A fotografia digital tem ganho vários adeptos devido a sua facilidade de obtenção e armazenamento, podendo ser gravada em CDs, DVDs e no próprio computador ou compartilhada com demais pessoas através de sites de relacionamento, ao contrário da fotografia analógica que necessita de revelação química com custos elevados.

Esse fato pôde ser percebido através da realização de um questionário a alunos de uma turma do segundo ano de ensino médio de uma escola estadual da cidade de Pelotas/RS, com idades entre 15 e 19 anos, para conhecer que tipos de equipamentos para obtenção de fotografias estes possuíam em suas residências.

As respostas obtidas mostraram que todos os alunos dessa turma possuíam pelo menos um equipamento fotográfico em sua casa, entre eles, câmeras digitais e celulares, sendo estes últimos os equipamentos que se mostraram em maior número. Os alunos também mostraram interesse em trabalhar com essas tecnologias no processo educativo em sala de aula.

Partindo desses dados, viu-se possível a realização de atividades em que os alunos fotografassem cenas de seu cotidiano e que estas fossem utilizadas para a

percepção e interpretação do entorno e para a construção de conceitos da Geografia, ressignificando o conhecimento a partir do olhar dos jovens.

O trabalho buscou oportunizar uma experiência com o uso da fotografia como recurso didático na Geografia, com objetivo de dar significado ao conteúdo que, de modo geral, parece distanciado da vida real dos alunos, valorizando o que os alunos consideravam importante ser trabalhado em sala de aula, pois a escolha sobre que paisagem fotografar era livre. Deste modo, a pesquisa também pautou-se na abordagem de pesquisa-ação, que

é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levam a um aprimoramento das práticas analisadas (SEVERINO, 2008, p 120).

As fotografias foram agrupadas em categorias segundo os três principais motivos que os levaram a fotografar e querer estudar mais sobre determinado lugar. São elas: *fatores que consideram ser problemas para a comunidade; melhorias na infraestrutura do lugar; e paisagens que consideram bonitas na cidade.*

A análise do conteúdo seguiu as fases propostas por Gomes (2008): *pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados obtidos e interpretação* (p. 75 -76).

O projeto se desenvolveu em seis períodos de 45 minutos cada, sendo dois encontros de um período cada por semana. Após o convite à participação, entrega dos termos de consentimento, foi informado aos alunos que o projeto teria como propósito o estudar Geografia a partir da cidade de Pelotas, e foi solicitado que os alunos levassem para a aula uma fotografia de sua própria autoria que retratasse algo que considerassem importante ser analisado no âmbito da Geografia, esta fotografia poderia estar armazenada em CD, DVD, *pen drive* ou na própria câmera digital ou celular.

O objetivo geral foi o de promover um exercício de leitura e interpretação da paisagem da cidade de Pelotas através de fotografias tiradas pelos próprios alunos, mostrando o quanto a fotografia pode ser utilizada como recurso didático neste tipo de atividade.

Dessa maneira, buscou-se explorar uma das diversas possibilidades de uso da fotografia em sala de aula, procurando identificar suas repercussões no processo de ensino-aprendizagem.

2 A proposta: fotografando a cidade, aprendendo sobre Geografia

O projeto de ensino foi realizado em uma turma de segundo ano de ensino médio de uma escola da rede estadual localizada em Pelotas/RS- Brasil. Esta escola situa-se no centro, porém atende a alunos que em sua maioria são oriundos de bairros periféricos da cidade. Na turma em questão, além disso, a maioria dos estudantes reside em bairros considerados violentos e relataram que os pais optavam por estudarem nessa escola por localizar-se no centro, e por ser considerada uma boa escola.

O conteúdo trabalhado durante o projeto foi Urbanização, que estava na grade curricular da turma para o período. Diante disso, foi solicitado, que os alunos fotografassem um lugar da cidade de Pelotas que eles considerassem ser importante estudar pela Geografia e que levassem essas fotografias à sala de aula, para que através delas fossem construídos em conjunto os conceitos da Geografia Urbana.

Já neste primeiro momento foi possível constatar o entusiasmo dos alunos para a realização deste trabalho, pois na realidade na escola, o projeto foi de caráter inovador para os alunos que nunca haviam trabalhado com esse tipo de atividade. De acordo com Pinto (2002, p. 43) a inovação “envolve a ruptura com a transmissão e reprodução do conhecimento em direção à transição para um novo padrão e a reconfiguração/produção de saberes/poderes e conhecimentos”, ou seja, ruptura como Paradigma Tradicional de Ensino.

As fotografias tiradas pelos alunos foram apresentadas para todos os demais através de projetor multimídia, e a partir da análise da paisagem, um importante exercício para a Geografia, os conceitos foram sendo construídos com base no cotidiano da cidade, que não está presente no livro didático utilizado pela escola.

Os alunos foram questionados sobre o motivo que os levou a fotografar determinada paisagem da cidade, e os demais alunos interagiram analisando a foto trazida pelos colegas. Em vários momentos os alunos mostraram visões diferenciadas sobre a mesma fotografia, muitas vezes reconhecendo a paisagem retratada pelo colega. Loizos (2002) exemplifica fatos semelhantes a esse da seguinte forma:

um primeiro observador, olhando uma fotografia, vê um ‘carro’; um segundo vê uma ‘sala familiar de tamanho médio para pessoas idosas’; um terceiro vê um ‘Ford Cortina do ano de 1981, com direção de corrida e rodas de esporte’. O veículo é o mesmo objeto do mundo real para todos os três observadores, mas suas percepções, sua habilidade para especificá-lo e descrevê-lo, e o

sentido que eles dão a ele são diferentes, devido a suas biografias individuais (p. 141).

Dessa forma, as vivências dos alunos e as suas relações com determinados lugares irão influenciar na sua percepção sobre a paisagem, mostrando que o importante nesse trabalho não é chegar à respostas únicas e/ou pré-determinadas, e sim possibilitar a reflexão sobre questões pertinentes no cotidiano, auxiliando o aluno na sua percepção do mundo, que pode ser diferenciada dos demais.

Após a reflexão sobre as fotografias levadas pelos alunos, aconteceu a construção de um texto coletivo em sala de aula que representasse uma produção do grupo expressando seus sentimentos sobre a experiência de fotografar os lugares onde vivem e compartilhar com os colegas, bem como a possibilidade de construir os conceitos da Geografia nas aulas com o material produzido por eles mesmos, e as aprendizagens decorrentes.

No projeto, após as discussões acerca das fotografias e a construção do texto coletivo, as fotos seriam impressas e distribuídas pelos corredores na escola em forma de cartazes para a divulgação do trabalho que havia sido feito. Porém, os alunos sugeriram realizar outra atividade com as fotografias devido a percepção de que os cartazes eram pouco valorizados pelos demais alunos e professores, e acabavam sendo rasgados e jogados no lixo.

Sobre isso, pensou-se na confecção de um catálogo com as fotografias e suas respectivas legendas para que fosse disponibilizado na biblioteca da escola para consultas dos demais alunos e professores. Porém, também foram construídos cartazes de divulgação, comentando sobre a realização da atividade e sobre o catálogo que ficou disponível na biblioteca.

3 A fotografia na construção do conhecimento: a valorização do saber do aluno

Neste trabalho, a fotografia mostrou-se de grande importância no processo de construção dos conceitos geográficos sobre a cidade a partir das vivências dos próprios jovens. A fotografia, segundo Loizos (2002) é capaz de evocar memórias que “uma entrevista não conseguiria, de outro modo, que fossem lembradas espontaneamente” (p. 143). Ou seja, se a realidade do aluno fosse apenas questionada através da fala sem o

recurso visual, vários assuntos que a fotografia fez surgir, enriquecendo o trabalho, talvez não fossem se quer mencionados.

Os alunos, à medida que iam apresentando suas fotografias para os colegas, eram questionados sobre o motivo que os levou a fotografar determinado lugar. Os três principais motivos foram: a) *locais que consideravam ter problemas como infraestrutura, violência, poluição, entre outros;* b) *lugares que melhoram com o passar dos anos;* e c) *lugares da cidade que consideravam bonitos.*

Como exemplo de um lugar considerado com problemas, a fotografia da aluna M.A. de 16 anos, que retrata o Canal do Pepino (IMAGEM 1), na avenida Juscelino Kubitschek esquina a rua General Neto. Para a aluna este canal representa um problema para a região onde está localizado devido à poluição ocasionada pelos dejetos de esgotos residências e pelo lixo depositado pela população no local, ocasionando odores desagradáveis e enchentes.

Já um exemplo de um lugar que teve melhoria na infraestrutura, a fotografia do aluno G. R., de 17 anos (IMAGEM 2), retrata a mesma esquina da fotografia de sua colega, porém de um ângulo diferenciado e abordando outras questões. O aluno relatou que passa por esta esquina para chegar até a escola desde o início de sua vida escolar, e que antes da construção da rótula retratada o trânsito apresentava-se muito mais perigoso aos pedestres que cruzavam a rua, devido ao fluxo intenso de veículos nos horários próximo a entrada e saída dos alunos da escola.

Sobre lugares da cidade que considerados bonitos, a aluna C.L de 16 anos, fotografou o centro da cidade (IMAGEM 3) pela janela do edifício onde a sua mãe trabalha, relatando que considera os prédios mais altos do centro em contraste com o horizonte, uma bonita paisagem.



Imagem 1 – Canal do Pepino. Pelotas/RS. Autora: Aluna M.A.



Imagem 2 – Rótula entre as ruas na Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, esquina com a Rua General Neto. Autor: Aluno G.R.



Imagem 3 – Centro da cidade de Pelotas/RS. Autora: Aluna C. L.

Nas discussões durante as aulas as fotografias possibilitaram a discussão de assuntos diferenciados dos motivos que levaram os autores a produzi-las. A fotografia referente a rótula de trânsito (IMAGEM 2), por exemplo, trouxe várias questões como violência, arborização da cidade, entre outros. As árvores que aparecem em segundo plano compõem uma praça que foi revitalizava recentemente pela prefeitura, com o plantio de novas mudas de árvores, a instalação de um *playground* e de vários postes de iluminação. Porém essas as novas árvores foram depredadas, bem como os postes de iluminação que tiveram suas lâmpadas quebradas, tornando a rua extremamente escura durante a noite, o que segundo os alunos, torna-se perigoso, pois tiveram conhecimento de vários assaltos aos pedestres naquela região.

A praça também levantou a questão sobre a arborização da cidade. O lugar foi ressaltado pelos alunos como um importante espaço para a purificação do ar em uma rua onde o fluxo de veículos é intenso, gerando poluição atmosférica.

A fotografia do centro da cidade (IMAGEM 3) foi produzida porque a autora da imagem considerou a paisagem bonita. Mas nos questionamentos em aula ela levou a diversos conceitos geográficos, como *o que é cidade, o que são cidades planejadas e cidades espontâneas; entre outros*, bem como a percepção de que no centro há um aglomerado de edificações com poucas áreas não construídas, e quase ausência de áreas

verdes. A fotografia também permitiu visualizar o relevo da cidade de Pelotas que compõe a Planície Costeira do Rio Grande do Sul.

Em nenhum momento os alunos foram alertados que só seria trabalhado com assuntos definidos como Geografia Urbana, e as diversas fotografias levaram a conteúdos diferentes dessa definição. Sobre isso, os alunos comentaram no texto coletivo produzido pela turma, dizendo que através das fotografias foi possível aprender sobre “*Vegetação, Relevo, Comércio, Habitação, Violência, Poluição, entre outros, em um único lugar*” (Texto Coletivo, 2011).

Essa fala dos alunos mostra a visão fragmentada que se tem Geografia e que a escola reforça com a divisão dos conteúdos não só desta área, mas também dos demais componentes curriculares. Segundo Morin (2003):

HÁ INADEQUAÇÃO cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários (p. 13).

Ou seja, todas as situações vivenciadas pelos indivíduos são compostas por diferentes acontecimentos e elementos, e essa visão fragmentada “impede de ver o global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui)” (idem).

Outro exemplo de fotografia (IMAGEM 4), que retratou uma paisagem bela para um aluno, mas levou a diversos assuntos referentes à Geografia, foi uma imagem produzida pelo aluno A.C., de 18 anos, do Balneário Santo Antônio, que compõe a praia do Laranjal na Lagoa dos Patos. Esta fotografia possibilitou aos alunos uma reflexão sobre questões referentes ao desmatamento da mata nativa, a ocupação humana na orla da lagoa, entre outros.

As questões trabalhadas nesta fotografia levaram à reflexão sobre a situação de outra praia do Laranjal, a do Balneário dos Prazeres, que sofre com a erosão dos solos e avanço das águas sobre as moradias, devido ao desmatamento e ocupação irregular. Ocorrências como essa na leitura de imagens é de grande importância, pois a fotografia representa apenas um recorte de paisagem, e esse “ver além da fotografia” possibilita aos alunos criar relações do que está sendo visto com outras situações já vivenciadas ou que ainda irão vivenciar.



Imagem 4 – Balneário Santo Antônio. Lagoa dos Patos, Pelotas/RS. Autor: Aluno A.C.

Considerações Finais

De acordo com Porto (2006), o grande número de alunos em sala de aula dificulta a aproximação do professor com o cotidiano e a subjetividade de cada um, ou seja, também é difícil saber o que cada aluno anseia aprender. A realização de atividades que constroem o conhecimento partindo de materiais produzidos pelos próprios alunos contribui também para que os professores conheçam uma parte da realidade na qual seus alunos estão inseridos.

Este projeto possibilitou que os alunos levassem para as aulas de Geografia partes de seu cotidiano que gostariam de estudar. O projeto permitiu também que se conhecesse um pouco sobre a realidade deste aluno, pois muitos optaram por levar fotografias do bairro ou da rua onde moram, denunciando principalmente o que consideravam ser problemas para a sua região.

A fotografia mostrou-se como um importante recurso na realização deste trabalho, pois ela

além de tornar-se uma lembrança dos locais por onde andamos, [...] pode ser entendida como uma fonte infinita de dados, fatos e informações, transformando-se por isso, em um poderoso instrumento de “materialização” de lugares nunca antes visitados por alguns (TRAVASSOS, 2001, p. 2).

A imagem fotográfica, de acordo com Dantas (1999), realiza uma desaceleração do olhar, permitindo analisar melhor os elementos que parecem não carregar sentido no processo de formação da cidade ao olhar já acostumado, ou seja, a fotografia imóvel permite compreender detalhes que muitas vezes passam despercebidos no cotidiano, mas que tem importante papel na construção e modificação constante do espaço geográfico. A melhor compreensão sobre a cidade onde vive, possibilita que os alunos sintam-se parte integrante da História e Geografia do local e da sociedade em que vivem, compreendendo melhor sobre o seu papel nas constantes transformações do espaço.

Para Schäffer (2000), é fundamental ultrapassar a mera descrição empírica para fazer relações em diferentes escala. Ou seja, a leitura crítica de imagens permite transpor os assuntos contidos nelas para outras situações vividas em lugares e situações diferentes, ampliando o conhecimento local para as escolas regional, nacional e/ou global.

É de grande importância uma leitura do local para a compreensão do aluno sobre seu papel na sociedade, porém essa leitura precisa criar condições para que o aluno possa futuramente ampliar seu conhecimento e sua capacidade de crítica para lugares e situações diferenciadas daquela que estudou em sala de aula.

Nesta pesquisa foi vivenciada uma experiência de construção de conceitos sobre a Geografia Urbana a partir de fotografias tiradas pelos próprios alunos com seus celulares e câmeras digitais, buscando aprofundar o conhecimento sobre esse tipo de experiência tanto em seu percurso, a fim de redirecioná-lo em relação aos processos/produtos elaborados pelos estudantes a fim de identificar os possíveis ganhos com esse tipo de abordagem. O processo de construção do conhecimento buscou proporcionar aos alunos um espaço de reflexão sobre o local onde vivem.

A realização desta pesquisa pretendeu mostrar aos alunos que o equipamento fotográfico que eles possuem pode produzir um grande material didático, capturando um fragmento de paisagem que será muito importante na sua percepção sobre o mundo, bem como na aprendizagem dos conceitos geográficos, que parecerem tão distantes da realidade nos livros didáticos, mas que estão presentes em todas as ações do cotidiano.

Por fim através do desenvolvimento desta pesquisa foi possível perceber que, mesmo com as dificuldades enfrentadas pelas escolas públicas, há sim a possibilidade

de produzir o conhecimento baseado no que os alunos anseiam aprender, e que existem sim professores interessados e comprometidos com a formação dos alunos.

4 Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Fernando José de. Educação e Informática. Os computadores na escola. São Paulo: Cortez, 1988.

DANTAS, Maria Eugênia. Educação-fotografia: impressões e sentidos. ANPED. Caicó: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1999. Disponível em <<http://www.anped.org.br/0209t.htm>>. Acesso: 10 julho de 2010.

LAJOLO, Marisa (org). Livro didático: um (quase) manual de usuário. In: Em aberto. INEP. v.16. n 69. 1996.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W. & GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PINTO, Carmem Lúcia Lascano. **A pedagogia da comunicação: as repercussões da formação contínua nas práticas docentes**. Dissertação (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2002.

PINTO, Carmem Lúcia Lascano. **A pedagogia da comunicação na formação continuada professores: possibilidade de transposição paradigmática ou utopia?** In: Sociedade, democracia e educação: qual universidade? 27ª anped. Caxambu – MG, 2004.

PORTO, Tânia Maria Esperon. As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas. In: **Revista Brasileira de Educação**. v. 11, n. 31 jan./abr. 2006.

SCHÄFFER, Neiva Otero. **Ler a paisagem, o mapa, o livro... Escrever nas linguagens da geografia**. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt et. al. (org). Ler e escrever. Compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: UFRGS, 2000. (p. 84 – 101).
SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1997.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. A fotografia como ferramenta de auxílio no ensino da Geografia. In: **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. 2001.

